

**HOMENAGEM  
DAS  
Juventudes Monarchi-  
cas Conservadoras**

**À  
MEMORIA SAUDOSA  
DE  
EL-REI D. CARLOS I  
E DO  
PRÍNCIPE REAL D. LUIZ FILLIPPE**

---

Propriedade e edição das **JUVENTUDES MONAR-  
QUICAS CONSERVADORAS**  
COMPOSIÇÃO — Rua do Diário de Notícias, 44, 2.º IMPRESSÃO — Rua do Diário de Notícias, 61  
1925

**Maison  
Parisienne**  
**ELIE LAGARDE**  
Patisserie Confiserie  
262, Rue Aurea, 264  
LISBONNE  
Fourniture de Déjeuners, Lunchs ou Diners en ville  
DÉJEUNERS DE 11 À 15 HEURES  
TEL. N 2849

**Companhia  
de Seguros  
“ATLAS”**

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

**SEDE**  
Rua das Pedras Negras, 24, 2.º-Lisboa

**Delegação no Porto**  
Rua do Almada, 10-1.º

Effectua seguros terrestres, marítimos, agrícolas, cristais e postais

Actual direcção: (Conde de Arrochella  
Dr. Fernando Cortez Pizarro  
(Dr. Francisco d'Assis Teixeira  
(Felgueiras)

**PEÇAM  
INFORMAÇÕES  
DE TAXAS**

**COMPANHIA DAS ÁGUAS DE LISBOA**

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

CAPITAL: 7.000.000\$00

1.ª serie emitida 5.000.000\$00

Mesa da Assemblea Geral

Presidente  
Domingos Pinto Coelho

Vice-Presidente  
Ernesto Driesel Schröter

Secretários  
Conde de Bomfim (José)

José Allemão de Mendonça

Cisneiros e Faria

Vice-Secretários  
Manuel José Monteiro

Carlos Teixeira Frazão

**Séde da Companhia**  
20, Avenida da Liberdade, 20—Lisboa

**KONINKLIJKE  
HOLLANDSCHE LLOYD**

(Mala Real Hollandesa)

Para Las Palmas, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres.

A 9 de Fevereiro o paquete GELRIA

A 23 de Fevereiro o paquete FLANDRIA

**BOTTERDAM ZUID  
AMERICA LIJN**

E

**KONINKLIJKE  
HOLLANDSCHE LLOYD**

SERVIÇO COMBINADO PARA CARIOCA para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e Rio Grande do Sul, e para todos os portos do Sul do Brasil com transbordo no Rio Grande do Sul.

A 9 de Fevereiro o vapor MAASLAND

**REGRESSO**

PARA LEIXÕES, VIGO, CHERBOURG, SOUTHAMPTON E AMSTERDAM

A 25 de Fevereiro o paquete ZEELANDIA

AGENTES GERAES EM PORTUGAL

**OREY ANTUNES & C.º LIMITADA**

**PORTO**

62, Largo de S. Domingos

**LISBOA**

4, Praça Duque da Terceira

**A MUNDIAL**

Companhia de Seguros S. A. R. L.  
**SEDE** Rua Garrett, 95 — Lisboa  
FUNDADA EM 1913

FILIAL DO PORTO: na sua propriedade, Praça Guilherme Gomes Fernandes, 10

Telegrams: (Mundial-Lisboa

(Mundial-Porto

Telefones: (Lisboa: C. 4084, C. 3894, C. 4240

(Porto: 375-1459

Capital inteiramente em reais: Esc. 1.010.000\$00

Reservas: Esc. 2.017.153\$93,2

Resumo das operações da Companhia desde a sua fundação

Anos	Receitas-Esc.	Reservas-Esc.	Lucros-Esc.	Dividendos por ação
1914	171.894\$09	64.244\$75 1	13.618\$03 3	\$55
1915	298.052\$899 6	102.007\$17.1	21.003\$98 9	\$60
1916	653.114\$13	205.064\$29 2	35.323\$59 5	\$80
1917	1.225.029\$92 8	315.123\$04 3	45.692\$003 7	3800
1918	1.132.254\$36 5	405.402\$76.7	62.406\$65 4	5800
1919	530.326\$93	430.648\$10 5	70.137\$90 8	6800
1920	792.782\$14 5	640.696\$14 7	120.297\$28 8	12800
1921	1.076.749\$34 5	749.018\$60,9	142.122\$71,1	20800
1922	1.887.999\$09	1.372.309\$43,2	217.418\$67,3	30800
1923	4.246.038\$69	2.017.153\$93 2	522.731\$02,8	40800

Acidentes do trabalho — Vida — Incêndio — Transportes — Roubo — Responsabilidade civil — Cristais — Assaltos — Greves e Tumultos

Director-Ger. I: EDUARDO PLACIDO

# HOMENAGEM DAS

## Juventudes Monarchicas Conservadoras

El-Rei  
D. Carlos

O Rei revelado ao grande público pelas "Cartas" parece-me ser especialmente o retratado por Laszlo no admirável quadro que El-Rei D. Manuel tem no seu escriptório de Fulwell. Nada mais surpreendente que a psychologia dos grandes mestres da pintura; e Laszlo soube fixar na sua tela a singular breze d'animo, a peculiar distinção, a penetração da intelligencia, características da personalidade única d'El-Rei D. Carlos. Pode ser filhos d'uma Bourbon, d'uma Saboia, os Braganças, dia-nos uma vez "Alguem", são sempre Braganças; isto é, afinal são sempre os mais portugueses dos portugueses. Que El-Rei D. Carlos o era deveras e a fundo, ninguém que o tenha conhecido pode pôr em dúvida; que mau grado as suas exceções qualidades e raros dons pudesse tão barbara e odiosamente ser assassinado, só serve para provar quão alheia andava então a "política" do "Serviço d'El-Rei". Seja este facto pra sempre lembrado e aproveitado pela nova geração monarchica: será a melhor homenagem à sua memória.

AYRES O'ORNELLAS

A Coroa do martírio tem rutilações mais duradouras do que o dialema regio. El-Rei D. Carlos tem um destaque inegualável na História dos Reis de Portugal. Foi Elle o único que padeceu o martírio no cumprimento da alta missão de Rei. O crime espantoso que o vitimou, continua ser cruelmente expiado pela Nação inteira; porque não soube desde logo, n'uma cobardia vilíntia, justificar os vários e multiformes responsáveis do nefando attentado.

Enquanto presistirem no ambiente social os mesmos miasmas que tornaram possível a actividade dos matadores de El-Rei e do saudosíssimo Príncipe tão cheio de bondade, de intelligencia e de amor à Pátria Portuguesa, não tornará a haver Paz em Portugal. Para que se possa viver em nossa terra, é indispensável purificá-la.

D. Thomaz d'Almeida Manoel de Vilhena



A ultima caçada em Villa Viçosa

### O primeiro livro d'El-Rei D. Carlos

E' pouco conhecido e devem ser hoje muito raros os exemplares do primeiro livro que El-Rei D. Carlos publicou quando ainda Príncipe Real.

E' um pequeno folheto sobre «A defesa da barra e Porto de Lisboa» assumido então muito debatido entre os oficiais da Comissão de Defesa e da Escola e Serviços de Torpedos onde o Príncipe Real fez serviço durante dois ou três anos até que casou em 1888.

Tendo-se escrito tanto sobre o desventurado Rei D. Carlos nunca li a menor allusão a este facto nem a esta publicação, que evidencia mais uma modalidade da variada ilustração d'El-Rei que tratou este problema com grande competência.

Era grande nesse tempo o numero de técnicos que estudaram o assumpto e do resultado dos seus trabalhos saiu um plano a que se deu inicio com a construção das obras de fortificação que hoje constituem o Campo Entronchado. Esse projecto não foi continuado por dificuldades d'ordem financeira, mas quando um dia se pretenda completar, haverá que consultar os alvitrés da época, em que salvo os progressos de 40 annos e as lições da ultima guerra se irá encontrar a justesa e o bom criterio de então.

Polycarpo de Azevedo

Horas antes da tragedia No 1.º de Fevereiro  
de 1925

Tive sempre El-Rei D. Carlos, desde a primeira vez em que servi com elle, como o melhor fiador dos destinos desta nação apática, teimosa até cegueira em não querer saber do bem público.

Encontro o bem frisado em documento, carta, do illustre e respeitável Professor da Universidade de Coimbra, o Doutor José Alberto dos Reis, a propósito das «Cartas d'El-Rei D. Carlos I». Apoçamáveis palavras e referencias, de uma antiga e reciproca estima, refere o sabio Professor: — «N'esta parte (o juizo formulado nas «Cartas» acerca de D. Carlos) o livro não constitui para mim uma surpresa. Tenho bem guardado na memória o seguinte episodio. Um dia, em pleno periodo da propaganda, estando V... em Coimbra, conversava, com favor e agrado, do programma do partido red-

generador-liberal, e, a propósito da sua viabilidade, alguém alludiu a El-Rei D. Carlos e ao que d'elle: e fazia correr e pensar. Lembro-me perfeitamente de V... ter respondido: «Estão enganados; não conhecem o Rei, que é vítima, por esse paiz fôra, da fama que lhe criaram; no dia em que elle se decidir a meter hombros á empresa de salvar o paiz, hâde ver-se, que elle possue uma vontade forte, ao serviço d'um grande carácter».

Assim eu fallava d'El-Rei D. Carlos, no periodo agudo do meu «ostracismo», incerto do meu futuro político, expulso da Câmara por meio e força de decreto dictatorial, que alterava e alargava, «ad hoc», a composição e a área do círculo de Guimarães, por onde eu fôra sempre eleito e reeleito, com lucta e sem ella, desde o primeiro dia.

Defeitos tive, erros commetti. Mas para satisfação da minha consciência posso pensar, que não foi a hora do poder, ou a da sua morte — ponto de partida de tanta desventura — o que me levou a dar a El-Rei D. Carlos o que era seu.

João Franco

# El-Rei Dom Carlos diplomata

Nos poucos momentos desocupados da administração agrícola, junto à lareira da minha casa de lavoura, li nas férias ultimas entr'outros, e para descançar o espírito de assuntos pesados, o livro do conde Boni de Castellane: «Comment j'ai découvert l'Amérique» - em que o autor conta alegremente a sua odisséa ultravés da fortuna milionária de Anna Gould sua mulher, de quem hoje se é divorciado bem como dos milhões de dollars que ella posse.

Auxiliada pelo brilhante espírito de seu possuidor ephemerio e pelo nome tradicional da sua família essa riqueza serviu para fazer brilhar um momento, com fulgor, Boni de Castellane em todos os meios mais cultos da França: Arte, letras, jornalismo, política, mundanismo internacional, etc.

Recebeu no seu palacio de Paris e no seu castello de Marais os grandes da terra e entre elles o nosso tão saudoso Rei Senhor Dom Carlos, a quem por mais de uma vez allude no livro. E como n'elle se occupa da «tentente cordeane» anglo francesa, embora sobre este ponto ignorasse o papel representado pelo soberano português em meu espírito eu liguei El-Rei de Portugal, invocado assim perante mim, a esse episodio de tão vasto alcance.

O paiz do nosso tão querido Rei Senhor Dom Manuel foi realmente o padrinho d'esta quasi aliança das duas nações, que anteviu preconisou e na qual interveu justamente no momento opportuno em que só uma personalidade da sua envergadura social e intellectual, por todos tida na maior consideração, a poderia tornar efectiva servindo de traço de União.

Alta capacidade diplomática, El-Rei Dom Carlos sobe, poupano as duas partes o embargo, que muitas vezes inutilisou sagazes desejos, de qual devia ser a primeira a avançar, ligal-as intimamente.

De conversas do nosso Rei com Delcassé, em Paris, e com Eduardo VII, em Londres, resultou desaparecerem as dificuldades e desconfianças que separavam estas duas nações, ameaçadas sempre d'um perigo comum - que de 1914 a 1918 bem vimos qual era e que, nem uma nem outra, isoladamente, exorcisaria.

Bastaria certamente a dedicação notoria d'El-Rei por estas duas nações para explicar a sua iniciativa. Mas a sua ideia era mais profunda. Via n'essa «tentente» a garantia da paz universal. Mas a sua ideia era mais nacional. Via n'esta ligação o afastamento d'uma grande ameaça que a megalomania - intimamente patriótica, não o discuto - do imperio alemão todo poderoso, fazia pairar sobre nós.

No auge da sua grandeza e de seu poderio, a Alemanha chegou a pensar na repetição do bloquismo napoleónico da Inglaterra. Com a triplice aliança já feita e com a França que esperava levar para seu lado a força de compensações larguissimas e com a Espanha que tentaria trazer a neutralizar o nosso papel de fiel aliado da Gran-Bretanha, dando-lhe como compensação a Iberia unida, o imperio alemão contava repetir d'esta vez, com exito, a empreza de Napoleão.

El-Rei D. Carlos instigando a Inglaterra e a França a unir-se, inutilisou a conjura e assim concorreu para a paz durante alguns annos mais e para os resultados da grande guerra.

De nós arredou a espada de Damocles da subversão.

O Rei Eduardo dizia tempos depois ao Rei Dom Carlos: «Realizou-se o que pensaste.»

D. Luiz de Castro

# REFLEXOES

... e volvidos desesete annos sobre o crime, vergado ao peso da desolação causada pela partida para as regiões d'Alem, n'este Janeiro frio, de tantos combatentes ilustres d'esta Cruzada santa, eu interrogo a minha consciencia, — não vá a morte ceifa amanhã a tua vida — e pergunto-lhe se poderei afolitamente apparcer perante o Grande Rei que morreu pelo ovo e perante um gentil Príncipe, que era bem uma esperança de todos nós.

E a consciencia — juiz severo, sempre prompto a condenar — diz-me que, se sempre tenha honrado as suas memorias, isso não basta. É preciso resgastar a Pátria, pela qual morreram essas duas almas de elite. É necessário restabelecer a paz, normalizando a vida, ne-te Portugal, que Eles tanto amaram. E' absolutamente indispensável, trazer para junto de nós o lóio sobrevivo da catastrofe, restaurando-lhe o Trono que um vendaval de ha quatorze annos, derrubou.

Então, eu juro, seguir os dictames da minha consciencia em quanto Deus, na sua infinita misericordia me der um sopro de vida.

Que todos, ne-te proximo dia 1 de fevereiro, façam também o seu exame de consciencia. E com a espada, com a pena com a bala, ou com o trabalho, ajudem ou tomem parte na Campanha. E terão bem merecido das Regias victimas, de tão saudosa memoria.

Janeiro, 1925.

FERNANDO PIZARRO  
Presidente do Nucleo Regional de Lisboa

## O Príncipe Real D. Luiz Filipe



Na sua viagem ás colonias de que tanto bem, resultou para o Paiz

## PER CRUCEM AD LUCEM!

A Juventude portugueza de hoje, ardente nacionalista, repudia os falsos dogmas do liberalismo e põe as suas esperanças de melhor futuro na revivescencia da tradição nacional, católica e monárquica.

Bem haja!

Por isso mesmo o monstruoso crime perpetrado ha 17 annos - pelo qual um Rei prestigioso e um Príncipe d'esperançoso futuro foram as inocentes victimas expiatorias dos erros do passado — não lhe inspira somente horror. Provoca n'ela o firme propósito de aceitar resolutamente a parte que lhe cabe na expiação colectiva e social que encerra de vez o período revolucionário aberto em 1820 e rasgue novos horizontes á Grey.

Seja a lô religiosa, firme e consequente o seu mais nobre apanágio!

Nobilite-a o espírito christão de sacrifício, tendo por lema a eterna verdade: «Per Crucem ad lucem!»

J. Fernando de Sousa  
(Nemo)

## O dia de hontem e o dia de hoje

O calendario «republicano» diz que o «31 de Janeiro» — o dia de hontem — foi o «precursor» da Republica.

Não é exacto.

«Prestador» da Republica não foi o ligeiro episodio de ha 34 annos; como «precursora» d'ella não foi essa exigua massa de conjurados, hoje mortos uns e desiludidos os restantes.

«Prestador» da Republica foi o hediondo crime de ha 17 annos.

No seu sangue a argamassaram. No rasto e na impunidade d'elle, encontraram alento para os outros crimes, para «o malor de todos»: — a Republica!

«Prestador» da Republica foi, pois, o «1 de Fevereiro» — o dia de hoje.

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1925.

Paulo Cancella d'Abreu

## Ha dezasete annos!...

O assassinio alevoso e covarde de El-Rei D. Carlos foi um crime horrendo; a morte cruel do Príncipe Real assumiu as proporções d'uma barbárdia inconcebivel!

O Senhor D. Carlos dispunha de todas as qualidades que fazem grande um Rei. Era intelligentissimo, ilustrado, artista, corajoso, patriota. Político arguto e habil diplomata, seguia com cuidado e interse-a a marcha dos negócios públicos e trabalhava sem descanso para que o seu paiz muito amado ocupasse no concerto das nações uma situação de respeito. Nunca Portugal mereceu a atenção das grandes potencias, e as deferencias dos Chefes de Estado, como no seu reinado brilhante e fecundo.

O Senhor D. Luiz Filipe era uma esperança, a desabrochar, radiosa e prometedora. Príncipe estudioso e bem intencionado com os olhos soñadores sempre voltados para a tradição, para o passado glorioso, viria a ser, com certeza, um Monarca notabilissimo.

Dar morte violenta a um Rei, como o Senhor D. Carlos, e a um Príncipe, como o seu filho primogenito, foi um acto abominável, um delicto atroz, de que toda a nação está soffrendo as consequencias fatais e o tremendo castigo.

Ha dezasete annos que o sangue generoso e nobilissimo de El-Rei e do Príncipe Real, derramado n'uma hora sinistra para a pátria portuguesa, está pedindo justica. Confio em que o Portugal de Ourique e de Aljubarrota, da India e do Brasil, das conquistas e das descobertas, com o auxilio de Deus e da Virgem Padroeira, ha de sabê-la fazer!

Lisboa Janeiro, 1925.

ANTONIO CABRAL

## DOM CARLOS I DE PORTUGAL

Se alguma recompensa os meus serviços á Causa d'El-Rei que é, antes de tudo, a Causa Nacional e o motivo unico da Redempção do Paiz — podem merecer dos meus Chefes e dos meus gloriosos companheiros de luta é elia o grato e singelo prazer de sentir que antigos e gloriosos combatentes, camaradas como o meu querido Amigo Dr. Fernando Pizarro (o denodado presidente do Centro Monárquico Académico de Coimbra de 1910), julgam o meu pobre mas ardente coração de Portuguez a minha e puda de combatente no Monte-Pedral e em Salreu, de Estarreja... e de sempre, capaz e digna de render a mais respeitosa continencia á memoria do Valoroso e Sanctissimo Morto de São Vicente de Fóra — e ao espírito gentilissimo do Príncipe Martyr, o Primeiro Portuguez morto em Serviço d'El-Rei, Sua Alteza Real o Príncipe Dom Luiz Philippe.

Porto, 12 de Janeiro de 1925.

Francisco Pereira de Sequeira  
(Presidente das Juventudes Monárquicas do Porto)

# Divida sagrada

A publicidade recentemente dada a algumas cartas d'El-Rei D. Carlos e o testemunho d'homens públicos que, ao serviço do paiz com elle tiveram íntimo convívio, acabaram de dissipar, como nuvens que o sol rompe, as sombras maculadoras em que as paixões políticas, os odios facciosos haviam envolvido a sua figura, denegrindo-a calluniosamente.

A hora da justiça souu para esse malogrado e desventuroso Rei, que os seus adversários tão infamamente viluperaram e os seus partidários tão frouxa e pusilanimamente defenderam...

Hoje, são já republicanos que proclamam a contrição dos seus falsos juízos, das infundamentadas recriminações que lhe fizeram, das responsabilidades que erroneamente lhe imputaram.

Nesses documentos íntimos e, por isso, insuspeitos o homem e soberano aparecem inteiramente diversos d'aquela falsa personalidade, egoísta, sceptica, alheada da vida política do paiz, apenas absorvida pelos seus gostos e prazeres, que os seu detractores propostamente inventaram e fizeram tomar, como verdadeira - por meio da lenda maledicente, para os efeitos da sua propaganda contra a Monarchia. Precisavam d'um «tyranno», d'um «monstro», cujas prepotências e malefícios justificassem as suas violentas arremetidas contra o regimen que elle personificava.

Vê-se agora que o monarca era justamente o contrario do que essa torpíssima lenda o fazia. A bondade, a indulgência, a honestidade meticolosa, a simplicidade na vida íntima, o interesse pelas coisas públicas, o zelo do bem do seu paiz, a lealdade para com os seus ministros, a inteligência, a cultura do espírito, a curiosidade científica, a paixão da arte, - é que eram os traços dominantes da sua individualidade.

Mas essa justiça, que já em pensamentos e palavras, se vê fazendo ao Rei Martyr, terá, um dia, de se afirmar solemnemente, n'uma con-agravação pública e nacional, que a fique eternamente atestando.

Quando a Republica ruir sob o peso esmagador dos seus erros, dos seus desvãos, dos seus crimes e ante a revolta do paiz, farto de sofrer a sua opressão e as suas extorsões, quando, d'entre os escombros d'essa derrocada formidável, resuscitar a Monarchia, imposta pela necessidade da salvação nacional, - então será a hora de saldar com a memória d'El-Rei D. Carlos e também com a heroica e nobilíssimo Príncipe Real, morto como um bravo em defesa do seu Paiz, uma grande divida de justiça e reparação.

E' preciso que, n'uma praça de Lisboa, sobre um alto e poderoso pedestal de marmore arrancado ás entranhas da terra portuguesa, se ergam, em bronze, lado a lado, as figuras altivas do Paiz e do Filho, unidos n'essa glórficação como unidos foram no momento supremo da morte.

Em face d'esse monumento expiatorio, preito de gratidão e piedade, bem devido ás duas régias Víctimas, os políticos e a nação inteira, evocando a tragédia de 1 de Fevereiro e as desgraças que d'ella advieram á Patria, como que terão deante dos olhos, uma das mais tremendas lições da sua história: - aquelle que nos ensina que mal vae aos povos que não tem o amor e o culto das instituições que os fuzem felizes e prosperos e que quecem o que devem aos que as peronificam e parecem ser n'elles, os primeiros no mando, são, de facto, os primeiros no sacrifício e nos duros encargos, espinhosos cuidados e pesadíssimas responabilidades da governação do Estado.

Luiz de Magalhães

# A minha homenagem

Quando em 1908 falei pela primeira vez na Câmara dos Deputados, como representante do Partido Nacionalista, disse ter ido na vespere, em piedosa romagem ao pantheon de S. Vicente, onde comovidamente me curvava perante os corpos que encerravam em vida o alma viril, nobre e delicada de El-Rei D. Carlos e o espírito gentilíssimo do príncipe D. Luiz Filipe.

Acrescentei que a tremenda visão cahira na minha consciência como um remorso, e que então vi, nitida e intensamente, que todos nós - uns pela sua ação, outros pela sua inação - tínhamos o nosso quinhão de culpas na formidável tragedia.

E porque as temos - adito agora - nobre e salutar é confessá-las.

E porque as temos é dever sagrado expiar-as, preparando no sofrimento - sem o qual nada ha de grande na terra - um futuro de paz de prosperidade e de glória para a Patria, ao serviço da qual D. Carlos sofreu o martírio, escrevendo com seu sangue mais uma página de grandeza na esplendida história dos reis de Portugal.

E porque as temos é indeclinável obrigar honrar a sua memória, exaltá-la glorificá-la, bendizê-la.

Só depois da sua morte é que pudemos ver como elle fôra caluniado, trahido, desfigurado, por torvas ambições e inconscientes interesses, a sua personalidade moral, por tantos títulos, eminentes e interessantes. E pouco a pouco vae-se apurando a verdade e a consciência pública reconhece já em D. Carlos um grande Rei, com uma clara visão política, vítima do dever, morto no seu posto d'honor, e precisamente quando, pratico e eficazmente, se interessava pelo surgimento e esplendor do seu reino, ao qual, pela sua ação pessoal, dera uma situação internacional como ha muito elle não tinha.

Devia ser uma apoteose a sua projectada viagem ao Brasil, de que mais nos approximaria n'um transcidente gesto político de incalculáveis consequências.

Ate seus adversários no campo republicano começam a sentir e a confessar a injustiça da sua campanha odiosa. N'uma entrevista concedida em julho d'este anno ao «Diário de Lisboa» por João Chagas, este, a propósito da Carta XII de D. Carlos, relativa à desgraçada questão dos aventureiros, publicada no livro de João Franco, diz o seguinte: «salvia a memória de D. Carlos de um grande peso...»

Houve, pois, todos os portugueses, seja qual for seu credo político, sua memória.

E us-entemos todos em que a bala que o vitimou, fez parar o coração de um dos mais devotados servidores da nação, consumando, as-sim, uma clamorosa obra de iniquidade.

Não pode viver, nem prosperar, nem dar-nos a felicidade um regimen, cujos alicerces se acham ensopados em sangue inocente.

Porque o mataram? Porque era um despota? Mas quais seus actos de tirania? Citem, com verdade, as perseguições que promoveu ou auxiliou? Não esmagou a liberdade, apenas procurou pôr termo à licença, que já então preparava a ignominiosa anarchia em que vivemos.

Não perseguem homens mas sim erros.

Quiz sanear o nosso meio político. E sóde al-

## Sua Magestade El-Rei D. Carlos

São decorridos dezessete annos apóz que uma morte trágica determinada por um surto de tempestades políticas, prostrou Sua Magestade El-Rei D. Carlos, que pela sua simplicidade, pela sua modestia, pela sua bondade, pelo seu príncipio de carater e qualidades de coração, tanto se impunha ao noso espírito e admiração, não só como Rei, mas também como chefe da família, como amigo do seu povo, e amigo do seu amigo, e aquelle relativamente largo espaço de tempo ainda não afastou do nosso espírito a horrível quadra d'aquella sanguinolenta scena.

E ao que tem dado lugar tam tremendo crime aparta a questão política, que baixezas, que indiguidades, que infamias!

Quem, como eu, teve a subida honra de servir junto de Sua Magestade, temido occasião de observar que muitos e muitos que da bolsa particular de Sua Magestade receberam fartos meios, uns, e não poucos, para estudarem e obterem uma

guem negar que este estava realmente enfermo, corrompido, pôdré? Em tal estado se encontrava que deixou triunfar em 5 d'Outubro de 1910 o que não foi mais que um tumulto sobre uma sociedade desorganizada.

Das contas ultimamente publicadas, e que constituem documentos irrespondíveis, resulta que El-Rei, o primeiro arauto do «nacionalismo» que hoje triunfa entre os novos e intelectuas, quiz levar a cabo a sua tarefa de revisão, rectificação e reconstrução nacional sem violencia; que o seu bondosíssimo coração estendia sua piedade ató aos mais ferozes inimigos, e que morreu como viveu Rei de todos os portugueses.

E o que veia depois? A tão apregoada libertação?

Não, mil vezes não. Apenas o grosso imperio d'uma selta que fazendo triunfar ineptos e corruptos, nega praticamente aos seus adversários todos os direitos e priva a Egreja de suas liberdades essenciais.

O parlamento por inteiro desacreditado e reputado como nocivo, é por ventura, a expressão da vontade nacional? Quem ousa afirmar-o? Quem não vê n'ele um autentico ludibri? Mal por mal antes o despotismo d'um só responsável perante a sua consciencia, a nação e a historia do que o despotismo do numero, anonymous e irresponsável.

Porque o mataram? Porque arra-tava o seu povo para a ruina? Mas dão-se precisamente o contrario. D. Carlos - como já acentuamos - foi morto no momento em que não pouava esforços, nem perigos, nem sacrificios, para engrandecer Portugal; quando procurava moralizar a administração financeira, prestigiar-nos, integrando-nos na «política europeia».

E que surge depois? O desprestígio externo, o pavoroso agravamento da crise financeira e económica, clamorosos escândalos na administração publica, o aumento alarmante da criminalidade, o abandono da causa da instrução, a violencia guindada às horas de sistema normal de governo, a intranquilidade nos e-píritos, um materialíssimo torque num videísmo repugnante que transformou n'um sindicato de appetites e interesses.

E foi para isto que se matou o Rei enodando a nosa Historia, ofuscando os sentimentos de piedade e generosidade da grey, renegando tradições, quebrando a necessaria continuidade histórica?

No meio d'este amontoado de ruinas, erros e crimes, surge justificada, cada vez mais bela nobre e sagrada a acção do Rei martirizado que, untes e melnor que ningum vê onde residia a salvação nacional e por elle heróicamente trabalhou, luctou e sofreu e morreu.

E porque isto é as-sim; e porque a sua falta é cada vez mais sensivel; e porque lhe devemos perpetua homenagem n'este dia de luto e de saudade, em que o noso futuro tão incerto se apresenta, juremos sobre o cadáver do Grande Rei que aprovaremos a sua lição que seguiremos sua voz de comando, que do alem se faz ouvir ainda, e que não deixaremos que seu sangue tenha caido debaixo sobre a doce e bemdita terra portuguesa.

PINHEIRO TORRES

carreira, e outros, em não menor numero, para lhes valer em graves dificuldades, foram os primeiros a insultar-lhe a memória e monoscabá-lhe o carácter.

Quantas mentiras, quantas calumnias, quantas infamias se vomitaram sobre o seu cadáver apóz a proclamação da Republica! Mas o que é certo é que, se sobre alguns Reis de Portugal, a verdade histórica a está ainda por definir, e é motivo de largas controvérsias essa verdade histórica com respeito a Sua Magestade El-Rei O Senhor D. Carlos, ali está, com grandíssima satisfação de todos que lhe foram dedicados d'âma e coração, todos os dias a patentear-se pondo bem em relevo a sua grande figura moral e intelectual, que tanto o pôz em destaque entre os soberanos da Europa. Que tremendíssima desgraça o seu vilíssimo assassinato representou para esta pobre Patria, onde, em quatorze annos d'um regimen cimentado com sangue e avesso á vontade da Nação, se tem passado... o que todos conhecem.

Alfredo de Albuquerque

ex-coronel de cavalaria e antigo ajudante de campo de Sua Magestade

# EL-REI NA INTIMIDADE

Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Carlos I, de memória sempre tão saudoso, foi como é saudado, uma pessoa de grande entendimento e vasta sabedoria.

Foi polyglota notável, pintor talentoso, orador brilhante, escritor elegante e casto, músico erudito, naturalista de fama.

E foi também um político rugido ao mesmo tempo que se revelou tantas vezes diplomata finíssimo. Que o digam aquelas que ainda vivem e foram seus ministros.

Não exagerava um conhecido homem público francês quando, ao saber da trágica morte do Terceiro Paço, afirmava que nesse dia fadiado desapareceria um dos maiores estadistas da Europa.

Esse grande Rei que subia com tanto brilho desfilar sobre assuntos tão diversos, não gostava todavia de falar nem que lhe falassem em política. Para conversar sobre governação tinha todos os dias os seus ministros e algumas vezes os Conselheiros d'Estado, não consentindo que a respeito d'uns e d'outros lhe fizessem a menor referência desgraciosa.

Sei eu d'uma pessoa que, tendo durante muitos anos vivido com Ele em respeitosa e constante intimidade, só uma única vez foi interrogado sobre assunto político, porque essa pessoa era nesse tempo deputado da Nação e só por isso.

Um dia, era no inverno, Sua Magestade foi caçar a Mafra e levou alguns convidados.

Eu fui como médico de serviço.

Apesar do mau tempo frio e chuvoso a batida dera bom resultado durante a manhã.

A hora do almoço El-Rei com o seu bom humor conversava alegremente e para todos tinha uma frase amável. Ele que era um atraidor de fama mundial, achava sempre que na caçada as melhores proezas eram as dos outros. Contavam-se episódios de caça, explicando El-Rei como pudera com uma carabina de novo modelo alvejar um javardo a uma grande distância, achando naturalíssimos e achando facéis os admiráveis tiros dobrados que fizera às galinholas; citava-se a resistência dos batedores correndo por montes e vales, rompendo com o corpo os mato-gaços molhados. Todos se lamentavam da moita apanhada, mas logo se confortavam com as migas à aleijetana, o arroz de coelhinho e outros pitões nacionais feitos a preceito pelo famoso Honório, cosinheiro favorito a quem o Real Patrão costumava dar um grande abraço e um grande charuto quando o visitava na cosinha.

A certa altura do almoço, felizmente quasi no fim, El-Rei, que tanto gostava de saborear o café ainda sentado à mesa, teve de referir-se a certo ministro da Coroa e fel-o nos mais justos termos deelogio á sua inteligência á sua competência de professor e á sua respeitabilidade.

Ora um dos convidados lembrou-se n'aquele altura de fazer umas referencias jocosas ao trajar do político que El-Rei acabava de enaltecer.

A physionomia do Bono-o Monarca, de alegre que tinha estado durante a refeição, transformou-se de repente em semblante carrancudo mixto de tristeza, de indignação e de pena...

Seguiu-se um silêncio desagradável que só foi

e seguido de todos nós saímos para o terreiro que ficava junto no pavilhão de caça.

El-Rei para disfarçar sua mágoa ia com uma pistola deitando abaixo as pinhas que se conservavam ainda agarradas aos pinheiros.

Nós todos em silêncio mordímos os charutos e olhávamos indiferentes ora para o chão molhado ora para as árvores desfolhadas debaixo d'um céu carregado de nuvens.

Ninguém se importava com a brisa gelada que vinha da serra, tão grande era o frio que o incidente do almoço tinha posto 'nos corações'.

Até a saloia e os próprios cães estavam cabibacos como se percebessem que se tinha passado qualquer coisa fóra do costume. O Rei não conversava com os batedores tratando-os pelos seus nomes, a comitiva não folgava...

Inesperadamente ouviu-se o silvo d'uma sereia e logo na volta da estrada aparecia um automóvel. Era o Príncipe Real D. Luiz Filipe que de Lisboa ia fazer uma surpresa a seu Augusto Pae.

Embrulhado n'um capote alemão era Ele Proprio quem vinha ao volante.

Saiu ligeiro do carro e correu a beijar a mão d'El-Rei que o abraçou com ternura e já com a sua habitual cara de bondade.

Foi um alívio para todos. Parecia que o Sol se tinha mostrado repentinamente n'aquelle turde d'Inverno bravia.

Que alegria a d'aqueles dois Entes que tanto se pareciam, tanto se amavam, tanto se admiravam mutuamente e que a morte junhou na mesma tragédia!

Querido Príncipe! Tão bonito tão esbelto, tão amável, tão bondoso, tão nobre, tão valente!

O ultimo Duque de Bragança era realmente um conjunto feliz das grandes qualidades dos seus Altíssimos Progenitores.

Querido Rei! Querido Príncipe!

São passados desesete anos que eu tive de baixar a cabeça ao peço d'uma grande dor como quem a baixa para deixar passar um vagalhão alteroso.

Depois, quando torno a erguel-a, dei pelos meus primeiros cabelos brancos...

Lisboa, 1-1-1925.

Thomaz de Mello Breyner

Conde de Mafra

\*\*\*\*\*  
Monarchicos!  
Protejei os correligionários necessitados

Inscrivei-vos na  
ASSISTENCIA R. Diário No. 101, 44, 2.



Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Carlos

Interrompido pela voz do tal convidado que numa insistência desastrada perguntava ao Seu Rei e Senhor se nunca reparava nas nódos que tinha na sobrecasca o tal ministro e nas suas botas por engraxar.

Foi então que El-Rei o Bondosíssimo Rei, muito vermelho, se voltou para o «gaffeur» mofino e com uma expressão que jamais esquecerá assim falou: «Pois sim, F. terá nódos no fato mas não as tem no carácter e se as botas estão sujas, a sua reputação está limpíssima e é quanto me basta». Dizendo isto levantou-se bruscamente

# Juventudes Monarchicas Conservadoras

## Nucleo Regional de Lisboa

Travessa das Mercês, 23

**Se todos os portuguezes que se dizem monar-  
chicos estivessem inscriptos nas Juventudes, a nossa  
associação, hoje, já poderosa, teria uma força incal-  
culável.**

**Com uns festejos pagos ao mês, ou uns  
mil reis pagos ao anno, todos, ricos e pobres,  
antigos partidarios da realeza, republica-  
nos desilludidos que tem vindo aos cen-  
tos para as nossas fileiras, devem no dia  
de hoje e como homenagem á memoria das  
régias victimas, pedir um boletim de inscrip-  
ção, para assim engrossar a phalange das  
juventudes, que d'esta forma adquirirá novos  
alentos para continuar a lucta na defesa do  
nosso patrimonio.**

**Portuguezes leaes; amigos do nosso Rei:**

**Inscrevei-vos nas Juventudes**



## SALÃO MODELO

DANIEL JOSÉ FERNANDES

82—Rua Nova do Almada—84

LISBOA

### CHAPEUS

PARA SENHORAS  
E CRIANÇAS

### ARTIGOS

### DE FANTASIA

Sempre  
as ultimas  
novidades  
de Paris

Telefone 3908

82—Rua Nova do Almada—84

LISBOA

### PAPELARIA

### ARTIGOS DE ESCRIPTÓRIO

V.º de Manoel da Costa Marques & C.º, L.º

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38

LISBOA

## Sociedade Corretora Limitada

### Agencia de Lisboa

Agentes gerais em Portugal da Companhia de Navegação "Carregadores Açorianos", cujos vapores fazem escalas regulares entre Ponta Delgada, Havre, Londres, Hamburgo, Anvers, Porto e Lisboa.

### Comissões

### e Consignações

24, PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA

TELEFONE C. 4272

## Banco Popular Portuguez

Séde—Rua do Loureiro, 46—PORTO

Telefone: 2087 End. Tel.: BANCOLARES

### Filial em Lisboa

R. AUREA, 56, 60  
Telefone: C. 3521

End. tel.: BANCOLARES

Efectuam-se aos melhores preços operações bancárias sobre todas as praças do paiz e do estrangeiro

Chapelaria,  
Camisaria  
e artigos  
de novidade  
para homem  
Tel. C. 715



**"A PARISIENSE"**  
JOÃO DE SOUZA

60, Rua Nova do Almada, 62—LISBOA—124, Rua de S. Nicolau, 128

## MANUEL PEDRO DA SILVA

Rua Nova do Almada  
Guarda chuvas—Pentes—Sombrinhas  
Leques—Ventoinhas

Rua Nova do Almada, 78

76

# A Hora da Justiça

## Na doce Terra da Pátria

Padecem as virtudes e os meritos debaixo dos resplandores da Magestade, o mesmo que as Estrelas debaixo dos raios do Sól.

De dia estão encobertos e não se veem: mas tanto que o Sol se escondeu no Poente e entenebrecido pelos negrumes da Morte, então se ve e nota com assombro e admiração e hoje com muita pena, dor e remorso, o que antes não convinha se visse e nem se contava.

E' bem certo que o degrau de que se servem todos os ambiciosos para subirem, foi sempre a mentira e a calunia, e d'esta se gera a iniquidade e o Mal, origem e fonte de todas as desgraças publicas e nacionaes.

Ha Dores tão lancinantes que só Deus as pôde dulcificar, assim como ha lagrimas tão ardentes que só Elle as pôde enxugar.

A distancia d'este Anniversario do Grande Crime, aviva em todas as almas boas e honestas, a Saudade d'Aqueles que perdemos tão tragicamente, e hoje todo o Povo Portuguez, ve de olhos abertos e sem venda, a hediondez do barbaro attentado que victimou «Um Grande Rei Portuguez, um Grande Chefe de Estado», sábio, valoroso, honesto, inteligente e sobretudo um devotado amigo do bem-estar dos seus subditos, a sua preocupação constante junto dos seus Presidentes de conselho, que mäos Portuguezes incitados sabe Deus por

quem, assassinaram á falsa fé e pelas costas, ceifando tambem n'esse gesto sanguinario, a vida d'esse mancebo gentil e inocente, o Principe Herdeiro do Throno.

Revivemos, Portuguezes, a dor d'este Dia Fatal, orando e aguardando a Hora da Justiça que ahi vem.

Honrar o mérito é ser virtuoso: e honral-o dezassombradamente, apregoando bem alto a Verdade, que a conveniencia

ros a Luz sobre a Honrada e Enaltecida Memória d'estes «Dois Martyres», que o banditismo politico da nossa Terra, sacrificaram tão criminosa e vergonhosamente.

! Dezesseis annos decorridos sobre nos, como um seculo de amargas provações e onde tudo se sente mal, avivam o julgamento sereno e justiciero da Historia, que nos diz, sem receio e medo de nos enganarmos:

—Se sobre a inocente existencia em flor d'um Principe afectuoso, não pode pezar, porque perante Ella, não levou responsabilidades, sobre El-Rei, o Senhor D. Carlos, lança hoje um Brado Alto de Justa Homenagem ás suas «Virtudes Civicas e Pessoaes», ao seu grande talento, pois tinha aptidões do sobra para ser, como o foi, um Grande Rei e Chefe de Estado; sendo um espirito cultissimo e perspicaz, homem de grandes faculdades mentaes e de grandes faculdades de trabalho, activo, bondoso, alma generosa e nobre, entusiasta por todos os rasgos de heroismo, corajoso até á temeridade, tendo predicados de sobra para medir-se com os Imperantes mais insignes da historia d'um povo.

Limpemos as lagrimas que correm em fio dos olhos da Pátria, ha 17 annos, e recalquemos n'esta grande adversidade, a dor que nos queima os labios e nos aperta o coração, fitando serenos e firmes a

dos maus e tambem o comodismo facil e seguido de «alguns» velaram e pretendem denegrir e escuretar, é um Dever sacratissimo de todas as almas sinceras d'esta infeliz Terra Portugueza.

Distenda-se a Paz do Senhor sobre estes dois tumulos, mas difunda-se a jor-

«Cruz do Grande Martyrio», essa Cruz exaltada e sublimada pelos nossos «heroes» pelos «nossos Naviegadores», pelos nossos «Santos», pelos nossos «Capitães», pelos nossos «Marinheiros», e abraçados a essa Gloriosa Bandeira das Quinas, que todos os ventos beijaram e desfralda am p lo

## Victima do dever



Sua Alteza Real o Principe D. Luiz Filipe

# Mais um anniversario

Completam-se agora dezesete annos sobre o assassinato cannibalesco de El-Rei D. Carlos e do Príncipe D. Luiz Filipe.

Quando attentamos no que era a situação do paiz em vida d'Aquelle grande monarca e a cotejamos com a dos tristes dias ue ora decorrem é que nos apercebemos bem pelo decadencia a que se chegou, a grande falta que Elle nos fez.

O sangue que as balas do Buçaco, do Costa e dos outros miseráveis assassinos então fez brotar dos corpos do Rei e de Seu Filho primogenito, caindo sobre a nação inteira, pox n'ella uma noção, que por isso mesmo que é de sangue, muito tem custado a lavor.

A figura de El-Rei D. Carlos—cuja memória cada anno que passa sobre o seu assassinato torna mais respeitada—dir-se-há que cresceu ainda com a revelação ao público de algumas das suas cartas dirigidas a políticos eminentes que com Elle serviram.

Com essa publicação desfez-se para sempre a atoada malevolia de que o Rei não se preocupava com os costumes da governação pública e verificou-se, ao contrario, que a superioridade do seu espírito, que nem os inimigos negavam, e a sua actividade, que a evidência dos factos nunca permitiu que fosse posta em dúvida, eram constantemente aplicadas no serviço da nação, que a tudo o mais primava nas preocupações do monarca.

Infelizmente o assassinato de El-Rei D. Carlos e o do Príncipe foram ainda seguidos, para maior castigo d'este povo, da implantação da Republica.

Estes quinze annos de provação que passam como chumbo sobre a vida do paiz tornaram mais paupel a superioridade teórica do princípio monárquico hereditário.

Só um rei, detendo um poder alheio e superior ás facções, tirando de si mesmo a força precária para governar e possuindo em si mesmo também a faculdade de renovação, é capaz de subordinar os interesses particulares e efêmeros dos individuos ou dos agrupamentos que no seio da sociedade se declamam em busca do predominio ao interesse superior e constante da nação que elle incarna e que se confunde na sua pessoa com o seu próprio interesse e o dos seus filhos e continuadores.

Só um rei para mais quando, como entre nós, representa uma tradição que se conta por séculos, tem a possibilidade de aplicar na coordenação dos interesses antagónicos os valores utéis da sociedade commando-os, ao contrario do que sucede em Republica, em que o mais que se consegue é uma transação entre aqueles interesses, traduzindo-se, não pela «omma», mas por uma «diferença» entre estes valores.

No anniversario que ora passa, todos os monarchicos, seja qual for a diversidade dos pontos de vista secundários por que se norteiem, devem competir-se d'estas verdades primeiras, e pensando nos mortos illustres de então juntar-se, em derradeira homenagem a Elles prestada em torno de El-Rei D. Manuel, como o depositario d'aquela secular tradição.

E, tendo presente, como no-lo ensina Maurras, que pouco vale a letra e o esquema de uma constituição, mas que o que importa é o espírito que preside á sua execução, apuremos todos, no culto pela memória dos assassinados de 1 de fevereiro de 1908 o «espírito monarchico», que deve informar todos os actos da monarquia de amanhã.

Arthur de Moraes Carvalho

mundo inteiro, digamos n'este dia de lucto.  
Viva Portugal!

—E' vã a Saudade inceerta e fraca a Esperança, se não soubermos desencantar a occulta Força que ha dentro d'Ella, na pungente e sentida comemoração d'este dia de lucto.

D'estes Tumulos Sagrados ha-de sahir, por Deus, Resurreição "da Nossa Patria Bem Amada".

I de Fevereiro de 1925.

Duarte Netto

# Ha 17 annos

O que se está passando com a memoria de El-Rei D. Carlos, aureolada pela Justiça da Historia, que já se pronunciou exaltando-lhe o valor e avelando-lhe a figura, quando ainda não desceram á paz da sepultura muitos dos que nos agitados tempos finaes do seu reinado estiveram nas luctas ardentes da política, é um facto con-olador para os nossos atribulados espíritos.

Attravez dos documentos politicos que se estão publicando, o Rei assassinado ha 17 annos ergue-se do seu athenaeo como que resuscitado pela admiração dos seus contemporaneos. E á geração nova

mental, procurar na tenebrosa agitação d'aquele periodo histórico uma explicação para o crime monstruoso do assassinio do Monarca. Mas para a morte do Príncipe Real, nem os corações mais cruéis podiam encontrar sequer uma atenuante do atentado infame que o roubou á vida!

Ha 17 annos que passou a tragedia do Terreiro do Paço. Das suas regias victimas Alguem mais ha, além das duas que no Pantheon de S. Vicente de Fóra dormem o seu semno de morte. Uma terceira victimá houve: essa está no exilio, eternamente em lucto pelo Marido e pelo Filho que perdeu. Mas tão grande o seu coração que não ficou abominando a terra onde não nasceu e onde, por cada uma das suas raras horas felizes, teve dias de sobrenumero sofrimento! A Rainha Senhora D. Amelia quer apaixonadamente e sempre a Portugal,

Quando a tragedia de 1908 passa diante de nós n'esta evocação, [não devemos apenas ajoelhar perante os sarcófagos de S. Vicente: mas inclinarmos com o mais comovido respeito, ante essa augusta figura de Rainha e de Mulher que tão magestosamente tem subido, submetida á vontade de Deus, o seu escabroso calvario, sem uma só palavra d'odio ou de recriminação e só tendo um pensamento que diz sua Patria, dominante: tornar a ver Portugal, voltar á terra que tanto lhe fez sofrer e tanto tem amado...]

1925 J. A. Moreira d'Almeida

## El-Rei D. Carlos: Rei e Militar



Uma visita ao quarteis da guarnição de Lisboa

áquella que já o não conheceu e que as paixões portanto, não atingiram, D. Carlos ainda aparece muito maior, como se, já engrandecido pelo martyrio, ainda mais o impunisse ao culto de todos os corações a reparação que lhe é devida mesmo pelos que, tendo sido combatentes no seu reinado, agora, vendo-o a esta distancia illuminado pela luz da Verdade, com sinceridade que os ennobrece, e sem intenção de lisonja, porque seria sacrilégio adular os mortos, prestam homenagem ao seu acrisolado amor pela Patria.

O Príncipe Real D. Luiz Filipe nem teve que esperar 17 annos, para que elle fosse ungido pela ternura saudosa do Paiz e até aos mais ferinos adversarios da Monarchia inspirasse piedade.

Assassinaram-n'lo quando naquelle fatal carregem onde Seu Pae fôra prostrado pela bala d'um regicida, se levantava tentando defender-lhe a vida.

Reinou talvez uns breves minutos, se é que ao Pae sobreviveu ainda Reinado tão curto como um meteoro, ninguem na terra o teve mais radio:ol

A sua alma gentilissima logo se ergueu a Deus a procurar no Alem aquella outra alma que para a Eternidade subira, a entregar-se á infinita misericordia do Senhor!

E do Príncipe Real, tão esbelto, tão atrahente, tão digno de reinar longamente e tão merecedor de que lhe sorrisse a fortuna, só fica uma Saudade, mas essa é immutável e n'ella não tem ação o tempo: a Saudade que se entrelaça na recordação da sua garbosa figura juvenil, que foi para nós todos uma promessa, também uma brillante esperança e que, de subito, n'um tragico instante, desapareceu para sempre!

O Rei morreu, tendo combatido: mas o Príncipe D. Luiz quando morreu apenas sorria ao lúmioso despertar da manhã da sua dourada mocidade!

Pôde a politica, muito mais fria do que sentiu-

Não ha para mim melhor e mais apropriada classificação que o regimento fingido e hipócrita que para ahí avulta cada vez mais o nome português do que «republica da morte».

Todos hoje já estão convencidos de que a republica se proclamou com o «abominável crime de que foram victimas» El-Rei D. Carlos e D. Luiz Filipe.

Poi a morte que nos deu a republica e a morte que a tem mantido.

El-Rei D. Carlos—um dos principaes reis da historia portuguesa e o mais diplomata e mais querido dos chefes de Estado do seu tempo em todo o mundo!

D. Luiz Filipe—a prece já satisfeita por Deus de que Portugal continuaria a ser grande, ainda Maior!

A republica—matou-os porque precisava da morte do seu grande prestígio e da sua força para a obra sinistra a que se entregou.

Que todos estejam certos de que, enquanto não se restituirem á nação as suas tradicionaes instituições fiéis aliadas da Cruz e da Espada, emquanto não resgatarm o sangue das régias victimas de 1 de fevereiro de 1908, o duplo crime d'esse dia não deixará caminhar Portugal nem perante Deus nem perante os homens.

Mario de Aguiar

## Sudário de injustiças

Na historia de Portugal, a vida de Carlos I será eternamente um espetro, preclitando em agonias de remorso quantos pelo sangue e pelo coração se sentem substanciados na consciencia da Patria e por essa comunhão responsaveis pelos seus erros, sem fim os vão expiando em contrição.

E porque n'essa vida se gravou o mais angustioso sudário de injustiças que gente nossa em seus desvairamentos concebeu— injustiça para a inteligencia e fidalguia do Rei, injustiça para a sua honestidade, e para a sua bondade, e para o seu amor da grei, injustiça finalmente, e suprema, na traíçoeira tragedia em que lhe demos a morte.

Jaim de Magalhães Lima

## DEVER

Há 17 anos que assassinaram El-Rei D. Carlos e o Príncipe Real D. Luiz Filipe, facto este, o mais vergonhoso da história de Portugal.

Este crime foi o acto preparatório da república que nos governa, parecendo a princípio ter deixado a nação n'uma relativa indifferença.

Felizmente, de anno para anno, tem aumentado a repulsa pública pelo nefando crime, sendo d'Isso prova as concorridas olenidades funebres que cada vez revestem maior imponencia.

Não desprezando de forma alguma as manifestações religiosas e de saudade, entendo que, é chegado o momento de converter em factos o nosso amor pela Patria, que El-Rei D. Carlos tanto engrandeceu.

Não basta rezar e chorar, é preciso sobre tudo combater; hoje que toda a Nação está convencida dos erros praticados pela república, é obrigação de todos os bons portugueses, tudo sacrificarem para a restauração da Monarquia na pessoa de El-Rei D. Manuel, salvando Portugal do triste fim que rapidamente se aproxima.

Todos, sem distinção de classes, os olhos fitos no futuro de Portugal, tem que se sacrificar pelo seu Rei.

Em todo o mundo as elites governam, mostrando o seu valor, mas correndo-lhe os respectivos riscos.

Na Monarquia restaurada assim deverá ser, mas, não basta apenas aparecer depois, é preciso agora no momento da luta e perigo que e-ssas pessoas se evidenciem, sujeitando-se ás consequências; Sem fé nada se faz, e quem tem fé no futuro do seu Paiz não deve temer arriscar-se, cumpre apenas o seu dever.

Na minha opinião devemos conservar os direitos dos que se mostram merecedores, tiral-os aos que não souberam ou quizeram manter-se, e elevar todos aqueles que pelo seu valor e sacrifício se tornam credores do reconhecimento da Causa Monárquica, que é a da Patria.

Nesta triste data apelo pois para todos os Monárquicos, pedindo-lhe que trabalhem, conforme as suas aptidões na restauração da Monarquia, lembrando-lhe, contudo, que por mais que se evidenciem em conversas, manifestações e eleições, tudo imprescindível para criar a opinião, isto não basta, são apenas elementos preparatórios para o acto final, que só poderá realizar-se pela luta, com risco do nosso bem estar e da própria vida.

Jesus Christo teve que empregar a violencia para expulsar os vendilhões do templo, para nós o templo é Portugal, e os vendilhões os que nos governam, ou que d'esta situação se aprovaram e uma vez restaurada a Monarquia, teremos restaurado em Portugal os Direitos da Igreja e do Rei, que sempre andaram ligados na nossa História, e cumprimos assim o nosso dever.

CONDE DE ARROCELLA

Presidente do Conselho Director Central das Juventudes Monárquicas Conservadoras

As Juventudes Monárquicas pretendem a Restauração da Monarquia, sem discussão prévia de tendências ou orientações partidárias.

Todos são bem acolhidos desde que recebam o Rei e a Gloriosa Bandeira.

Monárquicos

Inscrevei-vos  
nas Juventudes

# O que pensava de D. Carlos o sabio naturalista Alberto Girard

Nunca supus que n'um coração profundamente amargurado podesse existir uma tão viva alegria, como a que experimento n'este momento, em que me lembro que Sua Majestade vai inaugurar, d'aqui a pouco, a secção oceanographica D. Carlos I, base e inicio do Museu Nacional de Marinha.

Alguns poucos, n'esta illustre assembleia, não ignoram que durante muitos annos tive a honra de colaborar na obra científica de D. Carlos de Bragança, e se alguma cousa ha que relvindico e á qual pretendo é que me reconheçam ter sido collaborador sincero e leal.

Eis, porque, vêr hoje o Chefe do Estado, presidir a esta commemoração e, por assim dizer, consagraro, como filho amante e respeitoso, entre nós portugueses, a obra do Seu Augusto e Saudoso Pae, me enche de jubilo, tanto mais que a criação d'este Museu corresponde a uma promessa de El-Rei D. Carlos.

Nunca me esqueceu uma conferencia, em que estava El-Rei, resebendo no seu gabinete de trabalho um illustre oficial da nossa marinha de guerra, que foi a alma da fundação d'esta Sociedade, e em que Elle abraçou, com entusiasmo, como tudo o que se lhe afigurava patriótico, a fundação d'um Museu de Marinha.

O mar é, pôde dizer-se, para a nossa Patria, o symbolo da sua grandeza, porque através d'elle vemos desenollar os momentos epicos da nossa historia: e El-Rei D. Carlos que, menos, talvez, era conhecido por esta fâce, era essencialmente patriota. Assim logo aceitou a ideia que lhe era apresentada, promettendo que transferiria as suas collecções para um Museu de Marinha, desde que elle se fundasse. Separava-se do seu tesouro, que Elle tanto amava e que tantos annos de esforço lhe custára a adquirir, para um fim que reconhecia útil á instrucção e desenvolvimento do Paiz.

Pertencendo a esta Sociedade não tanho que lhe tecer elogios: mas é exatamente por ter a honra de ser membro d'ella que me rejubilo ainda mais por esta commemoração, porque ella vem dilatar o brazão do seu patriotismo e da sua iniciativa.

Sennhor, permita, agora Vosso majestade, que a Ella me dirija, como ao nosso

Presidente, e diga, rogando não supponha que tendo a pretensão de querer atacar problemas, que no meu modesto pensar estão vedados á intelligencia humana: tenho a certeza que se a alma de D. Carlos de Bragança nos acompanha n'este momento, Elle deita a Sua benção ao seu Augusto Filho por presidir a esta festa e ter correspondido assim ao Seu pensamento.

Meus Senhores: Por uma delicadeza de pensar, que não me podia passar despercebida, o meu illustre consocio que me precedeu não se espraiou sobre a obra científica de El-Rei D. Carlos: deixou-me, para assim dizer, gentilmente, toda a margem para falar desta obra; e, entrando no asumpto, comecearei por pedir a benevolencia da assembleia, ja por falta de eloquencia para a prender, ja porque um assumpto tecnico é sempre arido, menos na boca de illustres conferentes, e, portanto, só por muita benevolencia, esta assembleia quererá prestar-me a attenção que lhe peço,

Já tentei esboçar, na Academia Real das Sciencias, o elogio científico do sr. D. Carlos de Bragança, mas podia refazel-o agora, por uma fórmula completamente diversa, porque na Sua obra toquei ao de leve. Mas hoje que a principal d'essa obra vae ser patente á vista de todos, ella falará melhor do que o poderiam as minhas melhores palavras, e assim entendf que o papel que me pertencia, perante tão magnifica e dourta assembleia, era tomar o logar de simples introductor.

Não julgo haver n'isto pretensão da minha parte. E' certo que hoje quem cultiva as sciencias não se pode limitar sómente ao ramo especial a que se dedica, pelo concatenado d'ellas. As suas divisões são por assim dizer o fructo da fraqueza do espírito humano, que precisa tudo methodicamente ordenar, para alguma cousa poder comprehender, e assim se demonstra que o introductor era dispensado.

Mas acontece que a morte, ceifando inesperadamente o Augusto Fundador e o Creador d'este Museu, Elle deixou a maior parte da sua obra inedita ou desconhecida e ao Seu collaborador pertencia, por de-

ver conhecer as Suas ideias, explicar a organização.

Mas há mais para justificar a minha presença: é que a mim pertence qualquer censura que possa merecer a organização do Museu, porque há dois anos que D. Carlos de Bragança não está aqui para me rectificar, e era de meu dever aqui recordá-lo.

Meus Senhores: Entrando no Museu oceanographico D. Carlos I, vereis os mais curiosos aparelhos usados de bordo do yacht Amelia, vereis um mappa que tracei por ordem do nosso Augusto presidente, e em que as sondas reunidas do yacht, executadas por Elle e pela officialidade de bordo no mar da Arrábida, mostram como os grandes fundos do Oceano penetram até junto da costa através do já reduzido planalto continental, paralelamente à referida serra, e como este acidente submarino esclarece, por esta circunstância, o interessante problema da tectonica da referida serra, e justifica a forma notoria do exercício da pesca no mar que a banha.

Vereis ainda os principaes typos da fauna marítima, agrupados pela bathymetria, discriminando-se as diuersas faunas que tanto interessam o exercício e a regulamentação das pescas marítimos, desde o negro e disforme habitante do abysmo até ao ovo fluctuante e pelágico de quasi todos os peixes, e até à larva pelágica da lagosta. Podereis ainda, vêr as obras publicadas, e muitos outros trabalhos elucidativos, que se relacionavam com as investigações.



auctor apresentou um certo numero de conclusões, das quais esperava, com anciadade, a sua confirmação no anno seguinte, tendo para algumas a convicção da evidencia.

Repetiram-se as observações anteriores e ampliaram-se e verificou-se, construindo os mappas, que, se algumas conclusões eram menos nítidas, outras resaltavam dos novos diagrammas construídos. São estes ineditos que todos aqui veem.

## OS FUNERAES RÉGIOS

Deveria aqui terminar, porque já apontei as riquezas e a instrução que encerra o Museu de Oceanografia e cumprí o programma que me tracei e que me competia, mas não posso concluir sem, com a auctorização, que benevolamente me foi dada pelo nosso Augusto Presidente, produzir aqui um trabalho iné, infelizmente, ainda não concluído de D. Carlos de Bragança.

No 1.º volume publicado e conhecido, sobre o regimen do atum, obra tão apreciada, apesar das concepções arrojadas que ella continha, o Seu



O cortejo funebre passando no local do crime

Eram as principaes conclusões referentes à ida e volta do atum, n'um período fixo e determinado, e que em dous annos consecutivos, coincidiam. Um verdadeiro sucesso científico. Tratou então o Senhor D. Carlos de estudar a orientação completa do 2.º e novo volume, tendo do seu proprio punho redigido o principio da obra e terminado definitivamente a introdução.

Os resultados que ficam consignados n'este trabalho e que vieram confirmar os do anno anterior, parecem-me, desde já, de valia para os armadores. Se pela continuação d'estes estudos, se poder alcançar determinar, qual a variação d'um factor oceanico, em pontos determinados da costa, que esteja em relação com o apparecimento dos cardumes de atum em marcha, ficará delimitada a epocha das passagens dos atuns de direito e conjuntamente de revez, e portanto, para esses pontos, os armadores terão o meio de fazer o balanço economico do tempo da sua exploração.

O Senhor D. Carlos já não existe. A sua obra parou. Já não está entre nós para animal-a!

As suas publicações disseram da sua justiça; o louvor a elles foi unânime entre os homens de sciencia. E por sua vez o que encerra o Museu de Oceanographia, que Elle fundou e creou, também vai falar.

E, ao concluir peço respeitosamente venia a Vossa Magestade para um appello, que sei estar no Vosso pensamento e no Vosso coração: — Vós todos, espíritos selectos e illustrados, que me tendes ouvido, cooperae para que a obra se conserve e se continue, e tereis a satisfação de ter contribuído para uma justiça, que a historia haverá de prestar, e para a prosperidade da Patria.

Disse.

(Do discurso proferido em sessão da Liga Naval para inaugurar a Secção Oceanographica D. Carlos I.

# Marques, Pereira & C.ª

**BANQUEIROS**

Depositos á Ordem e a prazo  
Todas as operações bancarias

*Rua do Ouro, 61*

*Rua da Conceição, 116-118*

**Tele** grama PERMARUCO  
fone C. 1493

## GARANTIA

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada  
FUNDADA EM 1853

**SEDE NO PORTO**

(Edificio proprio)

**Capital realizado Esc. 1.000.000\$00**

Reservas. . . . . Esc. 2.050.013\$62  
Sinistros pagos até 1923. Esc. 11.644.622\$82

### Seguros de vida

em todas as suas combinações, entre os quais os vantajosos seguros Familiar (seguros de capital e pensão) e Mixto de capital duplo (que duplica o capital em caso de sobrevivência).

### Seguros terrestres e marítimos

(Efectua seguros também em moeda estrangeira)

Agentes em todo o paiz e Ultramar

Agencia em Lisboa

**José Henriques Totta, L. da**  
**(BANQUEIROS)**

**JULIO GOMES FERREIRA & C.ª, LIMITADA**

(CASA FUNDADA EM 1832)

82, Rua da Victoria, 88  
166, Rua do Ouro, 170

**LISBOA**

INSTALAÇÕES COMPLETAS  
DE AGUA, GAZ, ELECTRICIDADE  
E AQUECIMENTO CENTRAL

## A DIABETES

e suas complicações, curam-se  
radicalmente com o

### VINHO URANADO PESQUI

que ilimina o assucar do organismo á razão de um grama por dia, fortifica, acalma aséde e evita todas as complicações diabéticas. É o mais eficaz e acreditado anti-diabético.

**Mais de 25 annos  
de exitos mundiaes**

**Amostras e folhetos á disposição  
dos Ex.ºs clinicos**

**DEPOSITARIOS GERAES EM TODO  
O PAIZ, ILHAS E COLONIAS**

**Lima, Fragoso & C.ª L. da**

**R. d'ASSUMPÇÃO, 99, 1.º**

Telefone Central 222 Tele ramas LIMFRA

**LISBOA**

## CINHA CYP FABRE & C.º

**Providence e New York**

Com escala por Ponta Delgada, Angra e Horta

A 5 de Fevereiro o paquete BRITANNIA

A 19 de Fevereiro o paquete CANADA

Para Elger, Alexandria, Constantinopla, Constanza,  
Jaffa, Beyrouth e Marselha

A 24 de Fevereiro o paquete BRAGA

**AGENTES GERAES EM PORTUGAL**

## OREY ANTUNES & C.ª LIMITADA

**PORTO**

62, Largo de S. Domingos

**LISBOA**

4, Praça Duque da Terceira



**BELEZA, CONFORTO, ECONOMIA!**

O **OVERLAND** é entregue completamente equipado.

Centenas de referencias no país e colónias.

**Custo inicial reduzido. Consumo 11 a 12 litros por 100 Klms. nas estradas de Portugal!!**

Stock completo de acessorios para estes carros.

REPRESENTANTES:

**C. SANTOS, L.º --Rua Nova do Almada, 88**

**RETROZARIA ANCORA**

DE

**Carlos Ribeiro**

R. AUREA, 260

TEL. N. 2849

Grande sortido de lãs para confecções e todos os artigos da sua especialidade enorme variedade em confecções de peles para abafos e garnição.

Encarrega-se de todos  
os trabalhos em peles

**J. MAURY**

Sucessor H. MAURY

Casa Fundada em 1859

Grande Sortimento de Relogios  
de Ouro, Prata e Parede

Concertos afiançados

**RELOJOEIRO DO  
Observatorio  
Astronomico  
DA MARINHA**

202, Rua Aurea, 204  
LISBOA